

Felizes os Pobres no Espírito

Viver a pobreza segundo Deus: Parte segunda

Convocação do Papa Francisco

O Papa Francisco, que já tem se dedicado à pastoral em favor dos pobres no seu país, a Argentina, desde o começo de seu ministério como Papa está convocando-nos para que sejamos “uma Igreja pobre para os pobres”.

O fundamento da evangelização consiste em que o evangelizador viva fielmente, ele mesmo, de acordo com o Evangelho que proclama. Isto o Papa mostra-o com um ensinamento sem palavras, que brota resplandecente de seu interior e manifesta-se discretamente na sua humildade evangélica, sua vida austera e simples, e na proximidade de seu trato.

O cristianismo atual não pode permanecer insensível perante um sério questionamento: Fica bem que uma religião se dedique apenas à salvação própria ignorando aos pobres, enquanto o mundo confronta o problema da pobreza?

O significado do nome Francisco, escolhido para ele próprio pelo Papa, fala-nos de sua identificação com os pobres e pessoas simples, assim como da sua missão de dedicar-se à reforma da Igreja. Além disso, o Papa convida-nos a ser “Igreja aberta ao mundo” para oferecer a todas as pessoas a alegria do Evangelho. Uma Igreja assim deve estar sempre, como ele diz, “em saída”, com disponibilidade e vitalidade. Nós cristãos somos chamados a sair da própria comodidade e atrever-nos ir a todas as periferias que precisam da luz do Evangelho (*Evangelii gaudium*, 20).

Também na diocese de Kyoto desejamos responder a esta convocação do Papa Francisco, sentindo como próprio a situação difícil dos mais pobres e revisando a maneira de viver a espiritualidade na Igreja, desde o ponto de vista dos mais pobres. O ano passado refletimos sobre a pobreza material. Este ano consideraremos a pobreza espiritual. Recomendo-os ler a Exortação Apostólica do Papa Francisco, *Evangelii gaudium*.

1. Confiar em Deus no medio de situações de pobreza

(Pobreza no sentido espiritual)

“Felizes os pobres no Espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5, 3). Os ouvintes, aos quais dirigiu-se Jesus junto ao lago da Galileia, para dizer-lhes que eram pobres bem-aventurados, eram pessoas que não apenas eram pobres no sentido material, senão que, por sua pobreza eram desprezados e oprimidos pela sociedade, convertidos em seres impotentes, em situação de não poder viver sem a ajuda dos outros. Segundo a lógica mundana, eram olhados como pessoas fracas e derrotadas, incapazes de alegrar-se, sem sonhos nem esperanças, sem paz nem sossego em seu coração. Estes camponeses e pescadores de vida simples, que jamais tinham sido considerados felizes, reuniram-se em torno a Jesus, pondo Nele suas esperanças. Jesus, ao ver essa gente, exclamou (com ponto de exclamação no original): Que felizes são estes pobres no espírito! O sentido da expressão, traduzida como “que felizes!”, é: “porque são abençoados e agraciados por Deus”. Jesus, dirigindo-se a essas pessoas que estavam numa situação infeliz, olhando numa perspectiva humana, se emociona e

diz: “Quão abençoados de Deus são esta gente!” A maioria dos judeus desta época sentiam que não podiam rebelar-se contra o Império Romano que ocupava opresoramente sua pátria e, embora aspirando à justiça e salvação, como os fariseus e os Mestres da Lei, por não poder cumprir todos os mandamentos da Lei, terminavam acreditando serem pessoas sem possibilidades de salvação. Por isso não foi raro se surpreender ao ver-se considerados como abençoados por Deus.

No Sermão da montanha, segundo o Evangelho de Mateus, a expressão “pobres de coração”, que usa a Nova Tradução Ecuménica em japonês, corresponde a “em espírito” do original grego. Pode-se traduzir: “pobres no espírito”. A tradução franciscana diz: “os que reconhecem sua própria pobreza”. Nas passagens paralelas do evangelista Lucas (8, 20-26) refere-se aos pobres em sentido material, contrastando-os com os ricos. No evangelista Mateus destaca-se o elemento espiritual no meio da pobreza. Jesus, dirigindo-se a estes pobres, que precisamente por causa de sua pobreza careciam de apoio mundano e só podiam depender de Deus, os consola e os anima, exortando-lhes a confiar totalmente em Deus, dizendo-lhes: “Por isso está bem, ou melhor, isso é o que está bem, porque justamente vocês podem confiar em Deus Pai”. Tal é a pobreza espiritual que pode afirmar-se desde a pobreza material. Nós desejamos pensar e aprofundar sobre esta confiança em Deus que abraçam os pobres no espírito.

2. Dar-se conta da própria incapacidade

(Pobreza no sentido de descobrimento)

Na época de Jesus, as pessoas que estavam satisfeitas com a situação do sistema político estabelecido naquele tempo, não aceitavam as palavras de Jesus. Era quase impossível que pessoas ricas dependentes do poder autoritário e das riquezas deste mundo tivessem a atitude de coração de apoiar-se apenas em Deus, humildemente reconhecendo a própria incapacidade. Jesus diz claramente: “Eu lhes garanto: um rico dificilmente entrará no Reino dos Céus”(Mt 19 23-24). Quando apegamo-nos ao dinheiro e à riqueza e centramos nossa maneira de viver na dependência dela, essa riqueza mundana pode converter-se em obstáculo para a salvação eterna das pessoas.

Quando São Francisco de Assis escutou na capela de São Damião a voz de Cristo crucificado: “Francisco, meu filho, tens que reconstruir minha Igreja”, pôs-se mãos à obra para reparar a Igreja, com recursos de seu pai. Porém, depois deu-se conta de que a “reconstrução da minha Igreja” significava recuperar o sentido das bem-aventuranças sobre os pobres, tal como foi ensinado por Jesus. Por isso, ao final chegou a reconhecer que toda a sua existência estava nas mãos de Deus Pai, chegando assim a abandonar sua vida cómoda e rica, onde não carecia de nada, para poder assim seguir fielmente o caminho do Evangelho. Além disso, imitando a Cristo pobre, começou a viver no amor aos pobres.

Desde a perspectiva da salvação, a pobreza que deve perceber-se como espírito pobre no sentido negativo é a atitude dos que não reconhecem a própria incapacidade perante Deus.

Nós devemos cair na conta desta pobreza espiritual. São precisamente felizes aqueles que percebem-se de aquilo. Isto é, o que Jesus nos pede é que tomemos consciência da própria situação da pobreza espiritual. Reconheçamos de coração que nós também temos limitações humanas, que não podemos fazer nada por nós mesmos para nossa salvação, e coloquemo-nos humildemente nas mãos de Deus com total confiança.

3. Não justificar-se a si mesmo

(Pobreza no sentido de conhecimento próprio)

Para confiar plenamente em Deus, no meio de nossa pobreza, há que reconhecer a própria miséria e admitir que somos pecadores necessitados da ajuda divina. Jesus contou a parábola do fariseu e o publicano contra aqueles que menospreçavam aos demais e presumiam de serem eles mesmos justos. Jesus elogiou a atitude do publicano que rezava dizendo: “Ó Deus, tem piedade de mim, pecador”. “Eu lhes digo: Este último desceu para casa perdoado, mas o outro não. Pois quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado.”(Lc 18, 9-14). Também em outra ocasião, quando uma pobre viúva depositou como oferenda no templo duas moedas, desprendendo-se com generosidade de tudo o que possuía para seu sustento, Jesus elogiou sua fé (Lc 21, 1-4).

O significado da pobreza espiritual não está na autocomplacência do fariseu, que confia demais na própria justiça, mas no aprendizado da humildade do publicano que não se justifica a si mesmo. São Paulo explicou que a humildade de Cristo consistia em despojar-se de si mesmo (*kenosis*, em grego) desde a encarnação até a morte em cruz. “Ele estava na forma de Deus, mas renunciou ao direito de ser tratado como Deus. Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo e tomou a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens” (Fl 2, 6-7).

Agora bem, o que podemos fazer nós, que somos pecadores, para imitar a “kenosis”, o sair de si de Cristo que se esvazia de si mesmo? Em união com Cristo crucificado, reconhecendo nossa realidade fraca, de escravidão do pecado, oremos dizendo: “Senhor, tem compaixão de mim”; e oferecendo a Cristo nosso eu pecador, coloquemo-nos em suas mãos confiadamente. Não nos esvaziamos de nós mesmos por nossa própria força, senão que saímos de nós mesmos ao estar em Cristo. Com um coração assim de pobre, sem envaidecer-nos perante Deus, procuremos a humildade que não se auto-justifica.

4. Aprender da riqueza de Cristo que se fez pobre

(Pobreza no sentido cristológico)

Como Jesus mesmo diz, para assimilar a autêntica humildade, não há outro caminho que aprender do mesmo Jesus. “Venham a mim, todos vocês que andam cansados e curvados pelo peso do fardo, e eu lhes darei descanso. Carreguem minha carga e aprendam de mim, porque sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para suas vidas. Pois minha carga é suave e meu fardo é leve”(Mt 11, 28-30). Para compreender a pobreza espiritual há que conhecer o mesmo Jesus. Jesus abandonou sua glória como Filho de Deus. “Sendo rico, Ele se fez pobre por causa de vocês, para com sua pobreza enriquecer a vocês” (2 Cor 8, 9).

Esta é a opção pelos pobres segundo Deus. Jesus pôde despojar-se de si mesmo, porque tinha uma riqueza interior dentro de si. Jesus estava apoiado completamente pela consciência de se sentir amado na sua relação com Deus Pai. Por isso não precisava do apoio externo para manter-se a si mesmo. Para sustentar seu mundo interior não tinha necessidade de nenhum poder mundano, nem de riquezas materiais; Ele estava em todo momento em posse de sua própria riqueza interior.

Portanto, a pobreza de Cristo é a pobreza da oferenda de si mesmo, esvaziando-se completamente de si mesmo. A abundância de Cristo é a abundância de quem se possui plenamente a si mesmo até o ponto de entregar-se a si mesmo por amor a Deus e ao próximo.

Esta é a espiritualidade da pobreza que Jesus nos mostra. O desejo de praticar a pobreza surge da experiência vivida de sentir-se amado e protegido por Deus. Aprendamos também da humildade e mansidão de Cristo para viver a pobreza e a abundância perante Deus.

5. Compartilhar a abundância espiritual invisível

(Pobreza no sentido sacramental)

Quando aprendemos da humildade de Cristo que se fez pobre, não podemos esquecer as palavras rigorosas de Jesus: “Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro”(Mt 6, 24; Lc 16, 13). Jesus não diz que “não se deve”, senão que “não se pode”. Isto é, é incompatível o serviço a Deus com o serviço à riqueza.

A palavra grega “Mamon”, que significa riqueza, atua para obstaculizar o caminho do seguimento de Cristo. Viver de acordo com a espiritualidade da pobreza segundo Jesus supõe lutar contra “Mamon”, isto é, contra o que é procurar a estabilidade na vida, o sucesso, o poder, a fama e quanto nos faz mostrar-nos a nós mesmos como se fossemos um ser especial perante Deus e os homens.

Porém, há um caminho para rejeitar tais riquezas. Paulo diz não ser o dinheiro em si mesmo a raiz do mal, e adverte para que evitemos o desejo desordenado de dinheiro, pois aí é onde está a raiz do mal (1Tm 6,10). A riqueza converte-se num mal quando se acumula; por isso, quando se partilha por amor, ela deixa de ser “Mamon” e se torna apto para produzir efeitos positivos. Temos um exemplo disto na maneira como Paulo amonestou à Igreja de Corinto por sua maneira de celebrar a Eucaristia.

Se apenas partilharem alguns poucos, embora houvesse quem passar fome, então o pão também converte-se em pecado contra o corpo do Senhor. (1 Cor 11, 17-34). Porém, se dividir e partilhar entre todos, converte-se no corpo de Jesus e nos faz estar unidos Nele. Isto é, o pão, necessário para os seres humanos, converte-se em sinal sacramental e instrumento de amor. O sacramento realiza o dom invisível de Deus mediante sinais visíveis. Nós também, ao compartilhar com todas as pessoas com atitude cordial de amor a abundância material visível, participamos do dom de compartilhar a abundância espiritual invisível.

6. Parar de desejar mais e mais coisas

(Pobreza no sentido prático)

Não somos proprietários dos bens próprios, senão administradores. “Portanto, o homem ao fazer uso deles, não deve ter as coisas exteriores que legitimamente possui como algo que é exclusivamente seu, senão também como algo que é comum, no sentido de não se beneficiar apenas ele, mas também os outros” (cf. GS 69). De fato, segundo o princípio do destino universal dos bens materiais, as coisas têm um valor social (*Catecismo católico*, 2402-2406). Portanto, não é pecado em si mesmo possuir riqueza neste mundo, mas temos que admitir que ter riqueza supõe uma responsabilidade séria perante Deus.

São João Crisóstomo lembra com vigor: «Não fazer os pobres participar dos seus próprios bens é roubá-los e tirar-lhes a vida. Não são nossos, mas deles, os bens que aferrolhamos». O que sobra aos ricos pertence originariamente aos pobres, àqueles que foram roubados” (*Catecismo católico*, 2446). Deus deve contemplar, sem dúvida, com olhar exigente a atual desigualdade econômica a escala mundial. Os seres humanos procuram o sucesso e o prazer, pensando somente em si mesmos. Por isso, quando possuem muitos bens, fazem deles ídolos, caindo na ilusão de estarem satisfeitos. Finalmente, terminam sendo escravos de seus próprios

bens e, sem sentir-se de maneira alguma satisfeitos, não conseguem deixar de aspirar a ter sempre cada vez mais. A prática da pobreza cristã consiste em renunciar a esse desejo de querer ter sempre mais. É muito conhecida as famosas palavras de Lao-Tsé: “Rico é quem sabe conformar-se com o suficiente”. Quem sabe conformar-se assim é feliz e abundante espiritualmente, embora seja pobre. Jesus diz: “Onde está o seu tesouro, aí também estará o seu coração” (Mt 6, 21). Lutando contra o apego à riqueza e renunciando ao desejo de ter sempre mais, a gente libera-se da visão egoísta da vida e da própria vaidade. Então, surge no interior do coração dessa pessoa um lugar para os pobres e fracos. Se lhes vê como irmãos e irmãs “superiores a si mesmo” (Fl 2,3), e brota espontaneamente o desejo de tratá-los bem. Fazamos exame de consciência, como cristãos, para comprovar se existe em nós essa atitude de querer ter sempre mais.

7. Dar mais do que receber

(Sentido salvífico da pobreza)

Um jovem rico pergunta a Jesus: “Bom Mestre, o que devo fazer para ter em herança a vida eterna?... Jesus lhe respondeu: Só uma coisa lhe falta: Vá, venda tudo o que você tem e dê aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois, venha e me siga” (Mc 10, 17-22). Não existe resposta à pergunta sobre o que fazer para salvar-se. Apenas está nas nossas mãos receber o reino de Deus como dom e graça. Uma das condições seria renunciar ao apego à riqueza. A conversão ao cristianismo começa por dar-nos conta de que “falta-nos algo”. Perceber a própria carência significa superar a dimensão do desejo de fazer algo e a dimensão da obrigação de fazê-lo, e acordar pro mundo do amor.

O amor não se realiza num mundo que esteja satisfazendo os próprios desejos. O amor é algo que nasce dentro da própria vontade livre, no ato de entregar-se a si mesmo aos outros com alegria. Seguramente, o jovem rico ao tomar conhecimento da entrega de Jesus na cruz, teria reconhecido que Jesus realmente viveu nesse mundo de amor.

Os fiéis japoneses da era cristã, como Takayama Ukon, estavam familiarizados com os *Exercícios espirituais* de santo Inácio. Eles tinham assimilado bem como estilo de viver que, segundo os Exercícios, oferecer os próprios bens aos pobres é a autêntica pobreza e que pôr a própria vontade nas mãos de Deus é a pobreza espiritual de coração (*Exercícios*, 98, 146, 147). Sentiam-se seduzidos por um modo de viver simples, para poder herdar o Reino de Deus, como se fossem crianças, fazendo-se pobres no espírito. São Paulo tem nos deixado estas palavras: “Há mais felicidade em dar do que em receber” (At 20, 35). Na nossa vida cotidiana aprendamos nós também a usar corretamente os bens materiais, sejam poucos ou muitos, pondo a ênfase mais em dar do que em receber.

8. Viver assumindo as ansiedades

(Pobreza no sentido sintético)

Seria feliz uma vida sem ansiedades ou incertidumbres. Jesus diz: “Não se preocupem com a vida de vocês, em relação ao que vão comer ou beber, nem com o corpo de vocês, em relação ao que vão vestir” (Mt 6, 25). Normalmente vivimos angustiados na nossa vida cotidiana. De fato, não tem ninguém quem não sinta ansiedade em sua vida. Em certo modo, as pessoas vivem em ansiedade e, para abordá-la, atuam de diversas maneiras. Por medo à ansiedade tornam-se insensíveis ou desistem de tranquilizar-se, agem para suprimir a ansiedade ou defendem-se contra ela. Porém, no cristianismo, em lugar de suprimir a

ansiedade, pensa-se que existe um caminho para assumir a ansiedade tal qual é. Em vez de obsesionar-se com a ansiedade, esta deveria ser valorizado corretamente. Lembremos as palavras de Jesus: “Observem as aves do céu, que não semeiam, nem colhem, nem ajuntam em celeiros, é o Pai de vocês que está nos céus que as alimenta. Por acaso vocês não valem mais que elas?” (Mt 6,26). Os seres humanos podem viver tranquilamente apoiados na sua relação de amor com Deus quando creem que são vidas dignas criadas e cuidadas por Deus. Assim o reflexa aquele sorriso da beata Madre Teresa. Encontremos também nós a alegria e a força de viver, assumindo a ansiedade da vida cotidiana e aceitando depender de Deus em lugar de apoios materiais externos.

9. A fé que vive para os pobres

(Pobreza no sentido crítico)

Parece que o Japão, tras superar a pobreza da pós-guerra, embriagado pela denominada “bolha econômica” da era de Heisei, chegou ser uma sociedade economicamente próspera. Porém, ao penetrar o materialismo real em todos os campos da vida, ficou desolado o espírito das pessoas que hoje não encontram mais valor em viver pobremente. Pelo contrário, deseja-se cada vez mais uma vida cheia de prazeres, procura-se de maneira egoísta o sucesso e o poder; interessa apenas a própria realização, embora atropelando aos demais. Nesta época que vivemos, nossa fé cristã não estará convertindo-se numa fé de apenas nome, e que somente apoia-se em Deus para buscar a própria consolação e a satisfação dos próprios desejos?

Nas tentações do deserto, Jesus confrontou a sedução que o convertiria num messias mundano, em conformidade com Mamon (Mt 4, 1-11). Porém, Ele respondeu: “O homem não vive só de pão, mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4,4); e assim superou essa tentação. Jesus buscou continuamente a vontade do Pai, embora se encontrando com o sofrimento da incompreensão e a humilhação. Esta é a luta de Jesus contra o demônio. Assim é como Jesus viveu realmente a pobreza.

A pobreza espiritual não é uma bela virtude estática, senão uma luta dinâmica e espiritual. Eligir por sua própria vontade a pobreza espiritual é um grande desafio para a fé cristã. O importante dessa prova é que a opção de ser pobre seja para seguir a Jesus e, ao mesmo tempo, seja uma opção pelos pobres. Busquemos também cada um de nós viver para os pobres e que, como nos pede o Papa Francisco, sejamos uma “Igreja pobre para os pobres”.

10. Unidos aos outros no meio da pobreza

(Pobreza no sentido comunitário)

É diferente o que uma pessoa tem e o que a pessoa em si mesma é. Porém, pode se dizer que, o que essa pessoa dá representa sua personalidade. A pessoa, embora não tenha nada, pode dar-se a si mesma. Nesse caso, coincide o que a pessoa dá e o que a pessoa é. Assim é como a pobreza cria uma boa condição para nosso apoio mútuo e unidade. De fato, quando se tem algo, pode dar-se; mas, quando não se tem nada, a gente apenas pode dar-se a si mesmo. Só nesse momento pode-se amar verdadeiramente as outras pessoas e compartilhar com elas. Pelo contrário, se alguém tiver mais coisas, isso pode dar lugar à divisão entre as pessoas. As pessoas que recebem encontram-se em posição inferior das que dão. Enquanto as pessoas que tem mais não se tornarem pobres, a atitude de dar limita-se apenas a mostrar o próprio poder. Quando damos desde nossa pobreza, então, surge a vinculação justa com os demais. Dos fiéis

da Igreja primitiva se dizia que “Todos os que acreditavam eram unidos e tinham tudo em comum” (At 2, 44-45). Quando a pobreza espiritual é assumida, não apenas por uma pessoa mas por uma comunidade de irmãos e irmãs, então pode-se compartilhar a pobreza espiritual na comunidade como fruto dessa maneira de viver. Pelo contrário, não teria nenhum sentido a pobreza material se não suportar a pobreza espiritual, nem para a comunidade nem para cada um dos membros dela. Continuemos eligindo por própria vontade, tanto nas comunidades religiosas quanto nas comunidades paroquiais, a pobreza espiritual, para que sejamos uma Igreja pobre para os pobres.

11. Rezar ao Espírito Santo pedindo a graça da humildade

(Pobreza no sentido da espiritualidade)

“Porque a raiz de todos os males é o apego ao dinheiro. Pela ânsia do dinheiro, alguns se afastaram da fé e se torturaram com muitos sofrimentos” (1Tm 6, 10). São Paulo percebeu bem que as pessoas que viviam com o desejo do dinheiro perdiam a fé. Santo Agostino diz assim: “O que têm os ricos, se não têm a Deus? O que lhes falta aos pobres, se têm a Deus?” Desde o olhar de Deus, a riqueza mundana é pobreza que não tem valor e, ao contrário, a pobreza espiritual converte-se em riqueza com valor perante Deus. “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para pregar o Evangelho aos pobres”. Jesus deu-se conta de sua missão como evangelizador dos pobres pelo Espírito do Senhor. Nós podemos sentir-nos cativados pela recomendação evangélica da pobreza e aceitá-la espontaneamente com alegria.

Cada um deverá decidir o que pode fazer para viver a pobreza na vida cotidiana. O convite à pobreza não é uma obrigação imposta por Deus, senão um convite do Espírito que nos anima. O Espírito Santo nos faz perceber que na vida cotidiana encontramos a Jesus pobre e, para segui-lo, nos faz abandonar os desejos e idolatria do dinheiro e, finalmente, nos faz optar pela sobriedade de vida evangélica. Além, nos dá a paz e alegria que somente Deus, que é amor eterno, pode nos dar. Por isso rezamos ao Espírito Santo para viver em pobreza espiritual imitando a humildade de Cristo, sempre com a mente aberta e não dependendo de nosso próprio conhecimento ou da nossa própria experiência.

O Magnificat

Não existe outra palavra mais clara que a da “pobreza” para expressar claramente a atitude, opção e ação do mesmo Jesus. As palavras de Jesus: “Felizes os pobres no Espírito” fundamenta nossa relação com Deus, orienta nossa relação com os bens materiais e com os pobres. Há uma certa vinculação entre a pobreza e a evangelização. Deus espera que a Igreja anuncie a Boa Notícia aos pobres. A pobreza evangélica é condição básica para expandir o Reino de Deus.

O Papa Francisco insiste em que a evangelização de hoje se realize primariamente mediante a difusão da alegria. A alegria do Evangelho surge da pobreza no espírito capaz de alegrar-se e surpreender-se perante as obras de Deus. “Minha alma exalta o Senhor, meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador, porque olhou para a humildade de sua serva. Eis que, de agora em diante, todas as gerações me considerarão feliz” (Lc 1, 47-48). O Magnificat, o canto da Virgem, é um canto que vive a bem-aventurança. Rezemos para ter ânimo de sermos felizes vivendo na alegria evangélica com a ajuda da Virgem que é a Mãe dos pobres e estrela da nova evangelização.

2015, Janeiro 1, Solenidade de Maria, Mãe de Deus